



# ASSATA SHAKUR

NÚMERO ZERO • FEVEREIRO 2016 • BRASIL • DIÁSPORA

EDIÇÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AOS MORTOS NA CHACINA DA VILA MOISÉS, CABULA  
**PELA IMEDIATA FEDERALIZAÇÃO DAS EXECUÇÕES  
SUMÁRIAS DE NEGROS PELO GOVERNO DA BAHIA**

CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO NEGRO, NENHUM PASSO ATRÁS!

# A CAMPANHA REAJA ESTÁ NAS RUAS

PÁG. 03

PÁG. 02

**REFLEXÕES SOBRE A III MARCHA  
INTERNACIONAL CONTRA O  
GENOCÍDIO DO POVO NEGRO**

PÁGS. 04 e 05

**CHACINAS, MASSACRES E  
TERRORISMO RACIAL NA BAHIA  
KHAWULEZA, MAMA** PÁG. 07

PÁG. 08

**ACABOU O AMOR, ISSO  
AQUI JÁ VIROU PALMARES  
UM ANO DO CABULA** PÁG. 06



Apresentamos o número zero do Assata Shakur, comunicação militante e revolucionária. Buscamos com este veículo fazer chegar aos nossos irmãos e irmãs espalhados pelos quatro cantos do mundo, pelas quebradas do Brasil, pelos subterrâneos da Bahia, por vilas, cadeias e favelas, nossa mensagem de autonomia e poder preto, sem as amarras e sem a subalternidade que ilustra a atual política racial.

Neste número oferecemos textos produzidos por nossas irmãs e por nossos irmãos oriundos de diversos lugares do Brasil e uma mensagem fundamental de nosso Comando Vital. Gilza Marques apresenta uma análise da III Marcha ao passo que faz uma dura avaliação do que nós somos e o que nos espera nessa luta de reconstrução do nosso tecido político; ela fala sobre quem somos.

O salve da Reaja faz um convite à luta permanente, de sermos Reaja. Isso não encerra nenhum glamour, mas muita disciplina para cuidarmos do nosso Povo. Precisamos focar nos serviços comunitários, no autocuidado e na disciplina para não cairmos nas armadilhas do mundo branco que nos enfraquece. O Comando Vital da Reaja nos convoca a cuidarmos de nós mesmos sem folgar, sem nos perdermos nas miragens das redes sociais e do individualismo bonitinho coberto por luzes e hashtags. Fred Aganju nos apresenta uma reflexão sobre nossa conduta frente ao racismo e ao neocolonialismo. Ele fala da onda crescente de intimidação e violência contra membros da Reaja, fala dos dispositivos racistas publicados pelo governo em uma verdadeira zona de governabilidade baseada em nossas mortes. Seu texto nos inspira para a marcha permanente que

travamos. Em ano eleitoral não podemos "moscar", o governo promete despejar cesta básica, dinheiro para boca de urna e abertura de edital, para fazer vacilar desertores. Temos que continuar como sempre, pé no chão, no sapatinho.

Andreia Beatriz fala do compromisso, de um duro trabalho que temos para nos levantar enquanto povo e das várias adagas lançadas contra nós, partindo de certo setor do nosso povo que insiste em nos destruir para defender o supremacismo branco que há séculos nos mantém em uma escravidão mental e física. Sim! Vamos precisar de todo mundo, mas teremos que lutar contra os oprimidos que colaboram com o opressor por segundos de fama em redes sociais. Esses são por demais perigosos, posto que circulam entre nós com a deslealdade própria de quem perdeu a alma. Teremos que ter todo cuidado com essa onda de ataques e silenciamentos de nossa autonomia, pois ao mesmo tempo em que dividem conosco um espaço de luta, tramam, com os governos racistas, o esvaziamento das nossas referências históricas de luta. Eles vendem o Dia Nacional da Consciência Negra, hasteando a bandeira dos revoltosos de búzios com um dos maiores chefes do Genocídio Negro da Bahia e nos mostram que isso não é mera tática de ocupação de espaço de poder, é cumplicidade explícita com os inimigos do povo negro. Fazem isso em troca de algum conforto e dinheiro dos editais do Pacto pela Vida. Os mortos cobrarão sangue por sangue.

Este jornal é uma homenagem a nossa irmã Assata Shakur que hoje tem a cabeça a prêmio pelo governo norte-americano de Obama, demonstrando

que essas firulas sobre ações afirmativas e promoção de igualdade é um retumbante fracasso de setores negros que se contentam com as migalhas do poder.

Este jornal é comunitário, é de pretas e de pretos, é pan-africanista, é da Reaja.

Com o lançamento deste número, damos continuidade a uma antiga tradição de uma imprensa negra de combate, uma imprensa negra, feita por negros que se expressam desde baixo, uma imprensa negra que fortalece o povo. A Reaja não inventa nada, mas recria, carregando o recriado de sentido político ancestral, de bom combate e de autorespeito. Dirigimo-nos aos que vivem na rua, na vila, na favela, nos cantos, nos subterrâneos, nas cadeias, nas ocupações. Dirigimo-nos aos maloqueiros, às tias, irmãs e, sobretudo às mães dos mortos da democracia racista brasileira.

Este jornal, assim como nossos núcleos avançados, nossos círculos de formação pan-africanistas e nosso fundo de apoio a projetos independentes e autônomos é uma plataforma de revolta e construção de nosso próprio modelo de estar em luta. Por isso, o lançamos na Vila Moisés, no Cabula, quando todos correm para coquetéis e demonstração de boa educação em salões cheios de finura. Nós, com nosso povo, mandamos um recado: somos os/as camisas pretas, peles pretas e almas pretas. Estamos pra treta! Nós não somos virtuais, somos cabulosas e cabulosos.

**POR HAMILTON BORGES  
DIRETO DA CIDADE TÚMULO  
SALVADOR [BA]**

## REFLEXÕES SOBRE A III MARCHA INTERNACIONAL CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO NEGRO: O QUE VIMOS, OUVIMOS E SENTIMOS

**POR GILZA MARQUES, COMANDO VITAL [DF]**

O período de 22 a 24 de agosto de 2015 foi o maior final de semana de tradição radical negra que esse país já viu. Muita gente não ficou sabendo, óbvio. Mas é que a queda dessa babilônia não será televisionada.

Foram mais de 5 mil negros/as em frente ao comando da polícia militar do estado da Bahia gritando "polícia racista", "Reaja ou Será Morto/a" ao som do hino Pan-Africanista e de "Negro Drama", canção dos Racionais. Foram lidos, em frente do comando da polícia militar do estado da Bahia, os nomes de dezenas de irmãos e irmãs negros/as exterminados pelo Estado racista brasileiro, gritos de "não morreremos em silêncio". Uma massa negra incontável mandou o recado: "hoje o quilombo, a favela vem dizer, a rua vem dizer, cadeia vem dizer, que é nós por nós."

Poucos fardados estavam acompanhando a Marcha que percorreu o centro de Salvador. Muitos infiltrados estavam lá. E também estavam aqueles/as que insistiram na sua militância festiva e foram

enquadrados. Como não poderia deixar de ser, uma parte da militância negra vendida apareceu hasteando bandeiras. Militantes de entidades partidárias tiveram a audácia de hastear suas bandeiras sujas de sangue no meio da marcha no centro de Salvador. Foram respondidos à altura: "Voltem pra seus cargos e para seus editais. Voltem pra seu dinheiro público. Voltem pra Lenin e Trotsky, nós temos Marcus Garvey e Assata Shakur". Colocar mais de 5 mil pessoas na rua, em plena segunda-feira, sem 1 real do governo, não é pra qualquer um/a.

Não se trata de uma militância bonitinha, de batom colorido, frases em inglês, palavras difíceis. Não é perfumaria. Não é universitária. Não é militância de meninozinho inteligente. É militância de massa. É a militância dos que não têm dentes. Dos que não sabem ler, dos fora da lei, das putas e dos esfarrapados. É a militância embasada no ódio e não na alegria. É a militância de homens e mulheres unidos na recons-

trução do povo negro. O discurso é o do Poder Negro, e não o do empoderamento individual. É a militância que não aceita "promoção da igualdade racial". Ou é violência revolucionária ou é nada.

Vários países, estados e cidades presentes. Foi enorme. Foi gigante. Mas a III Marcha Internacional Contra o Genocídio do Povo Negro, entretanto, foi só uma pequena mostra do que o exército subterrâneo negro é capaz. Alguém acredita que, diante desse cenário de guerra, todo mundo vai ficar parado, ou fazendo eventos e atividades culturalistas?

O dia 24 de agosto de 2015 entrou para a história das construções políticas negras. No entanto, a construção dessa resistência aguerrida está só no começo. Estão sendo formados milhares de nós nas ruas, nas cadeias, nas favelas, nas palafitas, nos quilombos. Lutaremos até que toda mulher, todo homem e toda criança negra sejam livres.

Revolucionários negros não caem da lua. Nós somos criados por nossas condições. Moldados na nossa opressão. Nós estamos sendo fabricados em massa nas ruas do gueto (...). Eles estão formando milhares de nós.

**Assata Shakur**





# A CAMPANHA REAJA ESTÁ NAS RUAS

POR ANDREIA BEATRIZ, COMANDO VITAL [BA]



A Campanha Reaja está nas ruas! Há dez anos a Campanha Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto está convidando negras e negros insatisfeitos com os rumos traçados para o nosso povo, o Povo Negro. Nosso convite é para que nos organizemos a partir dos núcleos nas famílias, nas favelas, nas vilas, nos terreiros, nas cadeias, penitenciárias, nos quilombos. A Reaja reinaugurou a tomada das ruas de maneira autônoma, com o comando vital das mulheres negras à frente de homens e mulheres negras, dizendo com nossas próprias palavras o que sentimos, vivemos, queremos e pelo que vamos lutar. A Reaja trouxe à superfície o debate sobre o genocídio do Povo Negro, quando muitos estavam falando e se deliciando com os planos esvaziados que queriam combater o extermínio da juventude, a juventude viva.

A Reaja insistiu, buscou bases reais concretas e elaborou teoricamente o seu conceito de Genocídio do Povo Negro, diante da realidade de nossa juventude negra morta, fazendo com que todas e todos, viessem atrás da Reaja e mudassem seu discurso sob pena de perderem o bonde da história e da vida real, do cotidiano de comunidades sociorracialmente apartadas, violentadas pelo Estado baiano e brasileiro. Comunidades que sobrevivem e resistem diante das mortes, das sequelas da ação e da omissão do Estado, da brutalidade policial, mas sobretudo da dor de mães, pais, familiares, amigos, amigas e de todas as pessoas negras violentadas, mortas, sequeladas, de alguma forma vitimadas por esta guerra racial que vivemos no Brasil.

Nesses dez anos a Reaja esteve na Organização das Nações Unidas (ONU), na Comissão de Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) falando das nossas dores sem tutela e defendendo nossos princípios. Ainda que não estejamos sentadas em salas com ar condicionado cuja temperatura remete ao clima europeu, estivemos na Câmara dos Deputados Federais, no Senado Federal em Brasília, falando para e diante do poder legislativo que estamos sendo mortas, sendo violadas e que há um genocídio em curso. Mesmo compreendendo as lim-

itações impostas pelas instituições brasileiras que não foram constituídas para acolher nossas demandas e nossa dor, estivemos no Ministério da Justiça, levando nossas demandas da vida real.

Aqui no Estado da Bahia, dialogamos e levamos nossas exigências à Secretaria de Segurança Pública, à Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, à Secretaria de Saúde, à Secretaria de Justiça e Direitos Humanos e até ao Comando da Polícia Militar, diante de tanto sangue negro, tantas ameaças as nossas vidas e a nossa luta. Por fim, estivemos na governadoria, frente à frente com os governadores Jacques Wagner e Rui Costa. Fizemos todos os esforços e estivemos nestes lugares, não com um projeto pessoal ou para garantir liberação de recursos para realizarmos uma série de seminários com

propósitos questionáveis e benefícios restritos à um pequeno grupo. Estivemos em todos estes espaços institucionais falando da dor e do sofrimento de negras e negros, do número dos jovens negros cujas vidas foram ceifadas, da imensurável sequela que atinge mulheres negras, da destruição de nossas famílias e comunidades, da brutalidade policial, dos instrumentos racistas utilizados pelo governo do estado da Bahia para caçar negras e negros, neste território hostil, como costuma dizer Hamilton Borges.

A Reaja apresentou propostas e ouviu promessas de encaminhamentos das demandas levadas. A Reaja não foi em busca de barganha ou de migalhas, mas esteve em luta exigindo respostas e posicionamentos de gestores das instituições sobre o genocídio do Povo Negro em curso que deveriam exercer sua função. Assim, seguimos a via mais importante de toda nossa luta, de nossa resistência que é a organização de nossas irmãs e irmãos, na busca de um fortalecimento comunitário negro nos espaços que nos foram reservados e que reorganizamos como territórios negros, como territórios de resistência negra e do qual partiremos rumo ao sucesso coletivo. Marchamos pela vida e contra o genocídio do Povo Negro. Nos articulamos transnacionalmente com irmãs e irmãos em diáspora africana. Marchamos no Brasil e no mundo contra o genocídio do Povo Negro. Lutamos pelo direito à vida do Povo Negro, por nossa humanidade.

Neste décimo ano organizamos o I Encontro de Formação Pan-africanista, o EFOP, reunindo negras e negros colaboradoras, acadêmicos, os mais variados profissionais, estudantes, pesquisadoras, familiares e vítimas do Estado racista brasileiro, familiares e amigos de presas e presos. Negras e negros em formação! Formação esta preparatória para a III Marcha Internacional Contra o Genocídio do Povo Negro. Éramos um exército de quase dez mil negras e negros acompanhados e protegidos por nossos mortos e marchando por eles e por nós, todos juntos.

Continuamos marchando com nossos métodos e estratégias de resistência onde e quando muitos não querem estar, com a certeza de que quem está é quem é de verdade, nesta luta sem glamour, onde nos resta assumir nossa responsabilidade com cada irmã ou irmão e reafirmar nossa autonomia como Povo Negro que quer e pode traçar nossos próprios rumos, escrever nossa história e executar a luta necessária para nossa libertação.

A Campanha Reaja reinaugurou a tomada das ruas de maneira autônoma, com o comando vital das mulheres negras.

**Andreia Beatriz**





# CHACINAS, MASSACRES E TERRORISMO RACIAL NA BAHIA

APONTAMENTOS ESTRATÉGICOS SOBRE A LUTA CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO NEGRO

POR AGANJU SHAKUR, COLUNA UHURU [BA]

No último dia 30 de novembro de 2015, o governador das chacinhas, Rui Costa (PT), anunciou um projeto de lei para aumentar o Pagamento de Prêmio de Desempenho Policial (PDP), segundo o governador: “isso significa, de forma clara e objetiva, prioridade na Segurança Pública, compreendendo que o papel dos polícias civis e militares é fundamental para a redução da violência no nosso estado”. [http://glo.bo/1Svrj6]

Na prática, um eufemismo para gratificação faroeste. Ou seja, prêmio em dinheiro para o batalhão que mais mata pretos durante o semestre. Serão cerca de R\$ 42 milhões investidos através do Pacto Pela Vida em mais um novo dispositivo de massacre racial, que tem como objetivo incentivar financeiramente, moralmente e institucionalmente, os batalhões. Sobretudo, as Companhias Independentes a empreender um padrão operacional policial centrado em chacinhas e massacres de negros/as.

Há mais de 10 anos a Campanha Reaja ou Será Morta/o vem organizando um movimento intracomunitário negro, centrado em uma ação estratégica de enfrentamento ao Genocídio do Povo Negro, especificamente em suas formas mais diretas: o assassinato em massa de jovens negros e o encarceramento em massa do nosso povo. Nossa organização tem batido de frente com a política de segurança pública da Bahia, evidenciando sua estrutura supremacista branca, seus dispositivos operacionais de massacre racial e a institucionalização das chacinhas como modus operandi formal na ação policial.

Há uma guerra racial de alta intensidade em curso que tem trazido terror às comunidades negras na Bahia. Cabe a nós, a linha de defesa do nosso povo, construirmos estratégias de sobrevivência, recrudescermos nossas tecnologias de autodefesa comunitária e desvendarmos as manobras militares do inimigo.

A guerra racial em curso contra os negros na Bahia, nada mais é que uma das dimensões do conjunto de dispositivos estatais e paraestatais que constituem o processo de Genocídio que o Povo Negro está submetido no Brasil. Nesses termos a análise que segue é, sobretudo, ou tão somente, a tentativa de codificar três aspectos centrais na política de segurança pública genocida protagonizada pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA) nos últimos 12 anos: a política de subnotificação dos dados de homicídios de negros/as na Bahia como tática para invisibilizar o Genocídio em curso, incorporação das Chacinhas com modus operandi público-institucional da corporação policial, a perseguição política e conluios planejados pela SSP-BA para assassinar militantes de nossa organização.

No dia 15 de outubro, foi divulgado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública dados do relatório Diagnósticos no Brasil: Subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios. Segundo o relatório, a região com a maior taxa de homicídios dolosos do país é o Nordeste (33,76), acompanhada da região Norte (31,09) e do Centro-Oeste (26,26). As regiões Sudeste e Sul apresentam taxas menores, 16,91 e 14,36 respectivamente. Ainda, segundo o



carga emocional e vai juntando marcas no corpo por conta das agressões dos policiais nas abordagens violentas, cicatrizes de tiros e o medo, o pânico, o assombro, o alcoolismo, o abuso de drogas, doenças próprias de quem vive em guerra.

**Hamilton Borges**

mesmo documento, a Bahia tem o maior número de homicídios do país e apenas em 2014 cerca de 5.450 baianos foram assassinados.

Esses dados podem ser novidade para mídia de rapina, entretanto, já no ano de 2014 a própria SSP-BA, tornou público, mesmo que de maneira pouco divulgada, os dados de morte na guerra racial na Bahia. Segundo a SSP-BA (2014), apenas em Salvador 1.320 pessoas foram assassinadas no ano de 2014 e 450 pessoas assassinadas ao somarmos os números de óbitos por assassinato em regiões metropolitanas como Lauro de Freitas e Simões Filho. Mais adentro no sertão a governabilidade da morte negra se recrudescer, como no caso de cidades como Feira de Santana (430 assassinatos), Itaberaba (35) e Vitória da Conquista (161).

Sabemos que o montante de corpos negros abatidos na Bahia é ainda mais catastrófico, por não dimensionar os óbitos ocasionados pelos grupos de extermínio, esquadrões da morte e milícias que espalham terror nas comunidades negras, na capital e no interior da Bahia. Ou dos homicídios praticados por policiais em serviço, sobretudo, aqueles ligados aos pelotões de elite da polícia militar e civil.

A Chacina tornou-se publicamente o padrão operacional nas ações das Companhias Independentes de Policiamento Tático. As Companhias Independentes de Policiamento Tático tem ocupado um papel central na política de segurança pública Genocida do ex-governador Jacques Wagner (PT) e do atual governador Rui Costa (PT). Não é por acaso que o Programa Pacto Pela Vida elegeu as Companhias Independentes; Caatinga, Litoral Norte, Cerrado, Peto, Rotamo, Rondesp, dentre outras, para investir frondosos recursos financeiros, logísticos, tecnológi-

cos e em seu arsenal bélico. A Rondesp, por exemplo, surge a partir de uma operação do antigo Comando de Policiamento da Capital em 2002, que na época possuía uma única viatura operacional. Hoje possui sede própria na capital baiana, carga de armamento bélico, helicóptero, viaturas padronizadas, efetivo próprio e há poucos meses instalou uma nova base operacional em Feira de Santana.

O fortalecimento logístico-institucional das Companhias Independentes tem tornado as Chacinhas e Massacres uma prática pública, amplamente divulgada e institucionalizada na ação policial na Bahia. Temos o entendimento organizacional que esse padrão operacional policial alicerçado na morte prematura de famílias negras tem como papel central uma guerra racial de alta intensidade contra os negros na Bahia. A governabilidade centrada na morte prematura e violenta da comunidade negra na Bahia tem estabelecido tecnologias institucionais de legitimação das chacinhas e massacres cometidos por policiais em serviço. Esses dispositivos de convencimento da “opinião pública” tem a noção de guerra às drogas um aspecto central. Há também dispositivos jurídicos, como no caso da absorção política dos policiais envolvidos na Chacina do Cabula.

Segundo os dados cruzados entre o Anuário Brasileiro de Segurança Pública e os boletins divulgados pela SSP-BA, apenas na gestão de Mauricio Teles Barbosa, pelo menos, 17 chacinhas foram contabilizadas. Recentemente, no último dia 17 de outubro, 9 jovens negros foram executados por policiais militares em serviço na cidade de Santo Sé, no interior da Bahia. Assim como na internacionalmente conhecida Chacina do Cabula, a justificativa da execução foi uma suposta tentativa de assalto a banco.





Nossa organização tem analisado e sentido na pele como a SSP-BA tem, nos últimos anos, investido estrategicamente em dispositivos de etiquetamento racial, que internalizam na tropa o perfil do inimigo a ser abatido. Recentemente a SSP-BA divulgou na imprensa a versão preliminar de uma Cartilha de Orientação Policial neolombrosiana, adotada pela Polícia Militar baiana, desenvolvida a partir de estudo realizado acerca de 10 anos por um certo capitão do Departamento de Polícia Comunitária e Direitos Humanos, sendo este um espécime corporativo policial, treinado e municiado intelectualmente pelos Programas de Promoção da Igualdade Racial, que há tempos ganham frondosos recursos, realizando assessorias técnicas e treinamento ideológico ao baixo oficialato da polícia baiana. Nesses termos, o recente escândalo racial da “Dancinha da Igualdade” foi apenas o anúncio público de uma aliança subterrânea construída nos últimos 10 anos entre as instituições de rendição racial e as corporações de massacre racial.

Em 10 anos de organização comunitária em favelas, malocas, vilas e penitenciárias, a Campanha Reaja ou Será Morta/o já foi peça de investigação criminal, além de possuir um largo histórico de militantes torturados e até mesmo assassinados pelas forças de repressão policial. Nosso serviço de informações comunitárias já desvendou e denunciou em inúmeros fóruns, o quão o gabinete do governador está envolvido com a operação policial subterrânea, de busca e captura de militantes de nossa organização, operação essa tolerada e apoiada pelo alto comando da Polícia Militar e pelo Secretário de Segurança Pública Mauricio Teles Barbosa. Não é a toa que fotos de nossa bandeira, de militantes e apoiadores de nossa organização estão circulando em grupos de whatsapp da polícia baiana.

Nos últimos cinco anos, há uma curva ascendente de violência policial contra nós. À medida que avançamos na luta comunitária, a repressão racial tenta nos intimidar, brutalizar, etiquetar. Cabe um breve histórico da espiral de violência racial que estamos sujeitados nos últimos dois anos: no ano de 2013, após a primeira Marcha, uma guarnição não identificada da Polícia Militar tentou invadir a casa de um dos membros fundadores da Campanha Reaja, em 2014 durante todo o ano nossos militantes foram

achacados pela Polícia Militar da Bahia com armas apontadas para cabeça de nossos articuladores quando identificados como militantes em abordagens policiais, detenções arbitrárias com acusações de “usar tatuagem de ladrão”, um ônibus que voltava da II Marcha foi interceptado por uma guarnição não identificada da polícia militar, além de serem humilhados na abordagem policial, os jovens tiveram o material de propaganda política da Reaja ilegalmente apreendidos (faixas e camisas) com a acusação de que era material de “defensores de ladrão”. Já no início de 2015, antes mesmo da Chacina do Cabula, um de nossos articuladores na cidade de Cachoeira (BA) foi capturado e espancado covardemente por policiais militares, por estar usando a camisa da Campanha Reaja. Ainda em 2015, com nossa entrada na luta por justiça e verdade sobre a Chacina do Cabula, fomos publicamente ameaçados por policiais em uma audiência pública na sede da OAB, além de termos nossa logomarca política editada por policiais da Rondesp, que a circularam em grupos de redes sociais com os dizeres: “Reaja e Morra” com o tácito objetivo de disseminar o ódio institucional contra nossa organização. No dia 2 de agosto uma guarnição policial invade uma atividade comunitária de lançamento da III Marcha Internacional Contra o Genocídio do Povo Negro, um vídeo registra a ação e, depois de veiculado nas redes sociais, militantes da Campanha Reaja passaram a ser ameaçados de morte pela polícia local. Após a III Marcha, casas de militantes de nossa organização são invadidas, páginas de internet hackeadas e uma investigação criminal ilegal são deflagradas com o intuito de criminalizar militantes de nossa organização.

À medida que sofisticamos e avançamos na luta comunitária Transnacional Contra o Racismo, o neocolonialismo e Genocídio, o supremacismo branco recrudescer os dispositivos de repressão e eliminação racial. Sabemos que a violência operacional planejada pelas forças policiais contra organizações negras radicais e comunitárias não é uma exceção na história da luta política de libertação do Povo Negro na diáspora. Seja nos EUA, na Jamaica, Haiti ou em África, organizações negras são submetidas a forte repressão física e psicológica por parte do Estado Penal Supremacista Branco, que tem em suas forças

policiais, civis e militares, agentes políticos que utilizam a criminalização, prisão, violência e sequestro, como tecnologia política de terrorismo racial e desmobilização comunitária.

Ao retomamos historicamente a memória estratégica do contexto histórico de desmonte do Partido dos Panteras Negras para Autodefesa, na década 70, nos EUA, podemos compreender como em variadas conjunturas políticas raciais o Estado supremacista branco ocidental tem construído programas de contra inteligência, que utilizam a guerra química, psicológica e físico-militar para captura e eliminação de militantes radicais negros. A espiral de violência que os Panteras Negras foram envolvidos é reproduzida como uma tecnologia repressiva RACIAL aplicada a organizações radicais negras em todo o mundo.

Como já constatamos a duras penas em nossa luta política comunitária, na Bahia, a Secretaria de Segurança Pública, através de seu braço político-ideológico, o Programa Pacto Pela Vida, vem fortalecendo as Companhias Independentes de Policiamento Tático. Ou seja, institucionalizando as Chacinas e massacre enquanto padrão operacional legítima na ação policial. O genocídio do Povo Negro como espinha dorsal na governabilidade de esquerda ou direta. Isto é, a corporação policial baiana, sobretudo os batalhões operacionais de elite, estão sendo utilizados como instrumento bélico de terrorismo racial à serviço do governo supremacista branco de Rui Costa (PT).

Nesses termos, faz parte do conjunto de nossas tarefas organizativas, revelar o quão alto índice de violência letal aplicada pela corporação policial baiana, especialmente, as Companhias Independentes, tem sido engrenagem mestra na manutenção e legitimação dos governos supremacistas brancos “democráticos populares” nos últimos 12 anos. Cabe a nós, que assumimos a tarefa de enfrentar o terrorismo racial nas ruas, de decodificar as manobras militares de curto, médio e longo alcance do nosso inimigo. Há uma guerra racial em curso e por mais que não sejamos os melhores, apenas nós, os camisa preta, assumimos a tarefa de enfrentar o inimigo no submundo das ruas sangrentas que matam negros/as todos os dias.





# UM ANO DA CHACINA DA VILA MOISÉS - CABULA EXECUÇÃO SUMÁRIA, EXTRAJUDICIAL, TERRORISMO DE ESTADO: O GENOCÍDIO

POR HAMILTON BORGES, COORDENAÇÃO DA REAJA [BA]

A Vila Moisés é uma pequena comunidade de favelas, situada a beira da Estrada das Barreiras na região do Cabula, talvez você nunca ouvisse falar da Vila Moisés. É uma comunidade muito pobre, com pequenos casebres erguidos a muito custo por seus moradores que ocuparam uma boa faixa de terras num pedaço de mata às margens da estrada. Na entrada da Vila Moisés você vê um grande campo de futebol onde funciona uma escolinha de craques com todo esforço comunitário. Do lado esquerdo de quem entra, descendo a primeira rua estreita você verá a academia de boxe do Mestre China, boxeador que se orgulha de “tirar os meninos da rua”, é tudo precário, tudo muito improvisado, mas ali se inicia a luta por dignidade. Você entra na Vila Moisés a qualquer hora do dia e parece que o Estado se esqueceu dali, o lixo se acumula pelos cantos, a iluminação é precária, a maioria das pessoas não tem emprego formal e a escola que se tem acesso não funciona, mas as pessoas provam que não precisam do Estado, elas seguem construindo suas ações elas seguem sem a presença do Estado em sua face democrática. O governo do Estado da Bahia fez uma incursão em Vila Moisés (Cabula) na madrugada de 06 de fevereiro de 2015, há exatamente um ano e ali largou sua marca mais sinistra e aterradora para pessoas negras e negras. Execução Sumária, Extrajudicial, Terrorismo de Estado: o Genocídio. O Governador Rui Costa, seus secretários, seus colaboradores nos movimentos sociais, instituíram nesse dia, o Estado de Direito Penal, anteriormente plantando por seu antecessor, Jaques Wagner, o novo

cabeça branca, domesticando com o mínimo de farelos instituições e pessoas que seriam obrigadas moralmente a se rebelarem com alta taxa de letalidade em que o governo mergulha negros e negras na Bahia.

Vejamos a descrição parcial dos fatos relatados de acordo com o Procedimento Investigatório Criminal (PIC), de acordo com o Ministério Público do Estado da Bahia:

“Consta nos autos do Procedimento Investigatório Criminal nº 003.0.21314/2015, do Inquérito Policial Militar nº CORREG 012/UPJM476-15/15 e das peças extraídas do inquérito policial que na madrugada do dia 06 de fevereiro de 2015 em um “terreno baldio” localizado na Travessa Florestal, Vila Moisés, Estrada das Barreiras, Cabula, nesta cidade, os denunciados com imenso animus necandi, em ação conjunta, solidária e com identidade de propósitos, na condição de Policiais Militares em serviço, todos portando armas de fogo de grosso calibre, no curso de suposta diligência policial encurraram e **executaram sumariamente** [grifo nosso] Evson Pereira dos Santos (27 anos); Ricardo Vilas Boas Silva (27 anos); Jeferson Pereira dos Santos (22 anos); João Luís Pereira Rodrigues (21 anos); Adriano de Souza Guimarães (21 anos); Vitor Amorim de Araújo (19 anos); Agenor Vitalino dos Santos Netos (19 anos); Bruno Pires do Nascimento (19 anos); Tiago Gomes das Virgens (18 anos); Natanael de Jesus Costa (17 anos); Rodrigo Martins de Oliveira (17 anos) e Caíque Bastos dos Santos (16 Anos)”, segundo esse mesmo PIC, esses soldados (...) “deflagraram disparos

contra mais cinco pessoas, atingindo-os e ferindo-os, só não os matando por circunstâncias alheias à vontade dos agentes, certamente acreditando que viriam a óbito, dada a aparente gravidade a sede das lesões que se constata pelo teor dos depoimentos das vítimas.”

Essa comunidade pobre e nunca alcançada pelo governo, exceto pela força de repressão que cotidianamente invade os barracos, extorpe e sequestra pequenos comerciantes de substâncias ilegais, humilha moradores num processo de criminalização coletiva, discriminação e racismo, se viu enterrada numa situação de caráter internacional, uma vez que foi uma das maiores chacinas já vista no Brasil e com o aval e aplausos do comandante em chefe da polícia, o senhor governador Rui Costa, que diante de uma plateia de oficiais da Polícia Militar emitiu uma declaração quase beirando a troça e o escárnio que gerou indignação em familiares e amigos das vítimas, o governador tangenciou sua obrigação de neutralidade exigida pelo cargo e o princípio de presunção de inocência que caberia as mesmas vítimas e soltou sua declaração histórica e símbolo nacional do racismo de Estado que a Bahia alimenta há séculos.

“A PM que eu imagino e quero construir no estado é uma PM que respeite o cidadão e atue sempre dentro da legalidade. A polícia, assim como manda a Constituição e a lei, tem que definir a cada momento e nem sempre é fácil fazer isso.

Ter a frieza e a calma necessárias para tomar a decisão certa. É como um artilheiro em frente ao gol que tenta decidir, em alguns segundos, como é que ele vai botar a bola dentro do gol, pra fazer o gol. Depois que a jogada termina, se foi um golaço, todos os torcedores da arquibancada irão bater palmas e a cena vai ser repetida várias vezes na televisão. Se o gol for perdido, o artilheiro vai ser condenado, porque se tivesse chutado daquele jeito ou jogado daquele outro, a bola teria entrado.” [migre.me/t5hhc]

Assim de forma jocosa o governador segue comparando nossas vidas a jogos mortais que nos eliminam com a tolerância colaborativa de instituições de direitos e setores bastante cooptados e subalternos do movimento negro baiano, que em troca de alguma verba, cargos, emendas parlamentares e uma “granazinha” para o carnaval, nem tanto que superasse a supremacia racial de Bell do Chiclete com Banana e Ivete Sangalo, eles seguem em silêncio, ou quanto perdem espaço em algum edital, marcando passo em manifestações sofríveis onde tem de tudo em termos de metáfora, fora gente desde baixo dessa cidade tumulto.

Rui Costa com seu escudeiro e leão de chácara, que resiste na Secretaria de Segurança pública desde o mandato de Jaques Wagner, com seu baralho do crime, com sua cartilha de orientação de tatuagem, com sua “Operação Quilombo” e uma série de dispositivos lombrosianos, racistas, de seletividade penal, preparam um terreno fértil para a impunidade, para a tragédia do Cabula, e para o vergonhoso silenciamento do movimento de direitos humanos na Bahia e do movimento negro submetido as orientações de seus partidos, governados por brancos, seus senhores.





# KHAWULEZA, MAMA; KHAWULEZA, MAMA

POR ANDREIA BEATRIZ, COMANDO VITAL [BA]



Um sábado à tarde qualquer. Lindo dia de sol, na cidade mais negra fora de África. Crianças negras correndo pelas ruas, jovens negros conversando pelas esquinas contando suas histórias e estórias. Eu estava na rua, conversando com nossos filhos e meu marido. Uma família negra conversando na rua. Outras famílias negras varrendo suas calçadas, homens e mulheres limpando suas casas. Algumas pessoas nos bares bebendo com amigos. Comunidades negras em sua rotina estabelecida por ausência de aparelhos públicos, de saneamento básico, mas vivendo com sua dignidade. Uma rotina interrompida, mas também estabelecida pela presença armada do Estado. Tudo

pára e a tensão se estabelece: uma viatura da polícia militar atravessa as ruas da comunidade, homens com armas apontadas pra fora das janelas, como caçadores quando procuram suas presas. Algumas pessoas páram, outras fecham as portas de suas casas e janelas. Outros só observam a movimentação de quem faz a ronda, como presa a espreitar a melhor saída em caso de investida do caçador. Não nos mexemos. Mas observei atentamente os olhares dos dois homens vestidos naquela função pelo governador que gere o Estado da Bahia.

Naquele momento eu me lembrei das palavras do governador quando questionado sobre a ação dos policiais da Rondesp no Cabula no dia 06 de fevereiro de 2015: "(...) jogador, (...) gol, (...) artilheiro". A tensão aumentou e os batimentos cardíacos rapidamente responderam a descarga de adrenalina. Pensava: "caçador...caça...troféu...". As crianças lentamente vão parando e procuram a proteção de suas mães, pois já conhecem os efeitos da presença do Estado em suas comunidades. Aquela presença, aquele nível de violência, aquela brutalidade. Esta crueldade que não cabe em apostilas ou que não cessa com rodas lúdicas promovidas pelo Estado e pelos bem intencionados. Mães procuram suas filhas, seus filhos. Tudo acontece em alguns minutos, mas a intensidade faz parecer que tudo dura horas. Como se até o esgoto que corre a céu aberto e as paredes das moradias simples adaptassem suas curvas e arquiteturas à passagem da viatura da polícia militar. Eles vão embora! Passaram, comemoram alguns.

A rotina se reestabelece aos poucos. Portas são abertas, olhares para os dois lados da rua, buscando a confirmação de que não voltam mais. Algumas mães orientam as crianças a ficarem por perto e as filhas e os filhos pedem às mães e alguns pais para ficarem por perto – mães aqui representam também àquelas mulheres da comunidade que cuidam de todas, olham todos, se expõe e impõem em defesa da geração de jovens negras e negros da localidade, aquela grande família negra. Esta é a rotina num dos bairros mais negros da cidade de Salvador, com o mais baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da capital.

Aonde não chegam saúde e educação de qualidade,

aonde não chega a coleta de lixo regularmente, onde o saneamento básico é precário ou inexistente, onde a polícia militar mantém suas rondas sistematicamente, observando e intimidando as pessoas que estão nas ruas. Revisitei Miriam Makeba cantando "Khawuleza", gravada em 1966 [youtu.be/V74f9eli9c0]. Me vem intensamente imagens da África do Sul, auge do Apartheid. Negras e negros observando seus alçozes e correndo das rondas, da morte, do abate. Crianças chorando, crianças correndo. Homens negros sendo mortalmente perseguidos. Mulheres negras desesperadas protegendo os seus com o corpo, com a alma, com a vida. Aqui, famílias negras mergulhadas num universo de dor e sofrimento, pelas várias ausências, mas pela presença da ronda, pelo medo do caçador, pelo medo de ser a caça, pela angústia da opressão, da omissão e da ação. Vejo irmãs negras em luto, chorando a perda anterior à morte dos corpos. Tensão cotidiana de lá, no passado e aqui no presente.

A alegria visita nosso povo às vezes. Entre uma ronda e outra, entre chegadas e saídas, mas a tensão e o por vir incerto estão por perto. Khawuleza, Povo Negro, Khawuleza, Mama!

Khawuleza mama  
 Khawuleza mama  
 Khawuleza mama  
 Khawuleza mama  
 Nank' amapolis' azongen'endlini  
 mama, khawuleza  
 Nank' amapolis' azongen'endlini  
 mama, khawuleza  
 Jonga jonga jonga yo khawuleza mama, iyeyiye  
 mama, khawuleza  
 Jonga jonga jonga yo khawuleza mama, iyeyiye  
 mama, khawuleza  
 Bathi jonga jonga jonga yo  
 khawuleza mama  
 khawuleza mama khawuleza  
 jonga jonga jonga yo khaw

## POESIA

### CONHEÇO VOCÊS PELO CHEIRO

POR RICARDO ALEIXO

Conheço vocês pelo cheiro, pelas roupas, pelos carros, pelos anéis e, é claro, por seu amor ao dinheiro. Por seu amor ao dinheiro que algum ancestral remoto lhes deixou como herança.

Conheço vocês pelo cheiro. Conheço vocês pelo cheiro e pelos cífrões que adornam esses olhos que mal piscam por seu amor ao dinheiro. Por seu amor ao dinheiro e a tudo que nega a vida:

o hospício, a cela, a fronteira. Conheço vocês pelo cheiro. Conheço vocês pelo cheiro de peste e horror que espalham por onde andam – conheço-os por seu amor ao dinheiro. Por seu amor ao dinheiro, deus é um pai tão sacana que cobra por seus milagres. Conheço vocês pelo cheiro.

Conheço vocês pelo cheiro mal disfarçado de enxofre que gruda em tudo que tocam por seu amor ao dinheiro. Por seu amor ao dinheiro, é com ódio que replicam ao riso, ao gozo, à poesia. Conheço vocês pelo cheiro. Conheço vocês pelo cheiro. Cheiro um e cheirei todos

vocês que só sobrevivem por seu amor ao dinheiro. Por seu amor ao dinheiro, fazem até das próprias filhas moeda forte, ouro puro. Conheço vocês pelo cheiro. Conheço vocês pelo cheiro de cadáver putrefato que, no entanto, ainda caminha por seu amor ao dinheiro.

## EXPEDIENTE

**ASSATA SHAKUR**

JORNAL DA **CAMPANHA REAJA OU SERÁ MORTA, REAJA OU SERÁ MORTO**  
 NÚMERO ZERO, FEVEREIRO DE 2016

**EQUIPE EDITORIAL:** ANDREIA BEATRIZ, HAMILTON BORGES E JAMILE SALES

**TEXTOS:** GILZA MARQUES, ANDREIA BEATRIZ, CAROLINE AMANDA, HAMILTON BORGES E AGANJU SHAKUR

**FOTOS:** LÉO ORNELAS, MARCUS MUSSE, FÁFA ARAÚJO E INTERNET

**REVISÃO:** CARLA DAMEANE

**PROJETO GRÁFICO:** GATO PRETO COMUNICAÇÃO POPULAR

**TIRAGEM:** 1.000 EXEMPLARES



# ACABOU O AMOR ISSO AQUI JÁ VIROU PALMARES

## ARROMBAMOS OS CADEADOS DAS CIDADES TÚMULOS DE CORPOS NEGROS DO BRASIL

**POR** CAROLINE AMANDA, COMANDO VITAL [RJ]

Os vivos e os mortos do Rio de Janeiro se encontraram com os vivos e os mortos da Bahia. As cidades túmulos de corpos negros do Brasil estiveram presentes na III Marcha Internacional Contra o Genocídio do Povo Negro.

O Pelourinho, em Salvador, e o Cais do Valongo no Rio de Janeiro, são muito mais do que espaços “turísticos” para contação de histórias passadas, como querem nos fazer crer. Ao contrário, são a VEIA AORTA, onde pulsou e pulsa litros incontáveis de sangue do povo negro. São espaços sagrados para todo o povo negro em África e em Diáspora, são símbolos e PROVA da tradição nefasta de tortura e morte imputado pelo Estado racista Brasileiro. Não por acaso, seguem sendo túmulos abertos de corpos negros ainda que sem manter a exclusividade de outrora, pois o derramamento de sangue negro não para. Hoje por exemplo, Vila Moisés em Cabula, é uma das ramificações do Pelô bem como o Complexo de Favelas do Alemão e todo território da Baixada Fluminense são a extensão do Cais do Valongo.

As frequentes manchetes sobre crianças, adolescentes e jovens negros assassinados pelo Estado racista brasileiro, somado ao recrudescimento na criminalização desses mesmos corpos em espaços públicos, como a praia ou de circulação pública como os shoppings, sinalizam a naturalização da violência, com o aval da sociedade brasileira, sob a égide da seletiva racial.

Associar tal realidade à obra de Simões Lopes Neto, do fim do século XIX, mais precisamente à lenda “O Negrinho do Pastoreio” não é de modo algum hiperbólico:

“Conta a lenda que nos tempos da escravidão havia um estancieiro malvado com negros e peões. Disse o estancieiro a um negrinho: ‘Você vai me dar conta do baio, ou verá o que acontece’. Aflito, o menino foi à procura do animal. Em pouco tempo, achou o cavalo pastando. Laçou-o, mas a corda se partiu e o cavalo fugiu de novo (...). De volta à estância, o estancieiro, ainda mais irritado, bateu novamente no menino e o amarrou nu, sobre um formigueiro. No dia seguinte,

quando ele foi ver o estado de sua vítima, tomou um susto. O menino estava lá, mas de pé, com a pele lisa, sem nenhuma marca das chicotadas (...).”

O questionamento é inevitável: até quando a tortura e a morte de um corpo negro vão seguir se tornando lenda sem final milagroso?

Ao contrário da lenda do “Negrinho do Pastoreio”, os 57 corpos negros masculinos e os 33 corpos negros femininos, com faixa etária entre 8 a 15 anos de idade, encontrados entre 1824-1825 na região da zona portuária do Rio de Janeiro, chamados superficialmente de “Pretos Novos” não são lendas. Bem como, os casos a seguir, cujas vítimas, são da mesma faixa etária daquelas vítimas do século XIX. Porém, essas são vítimas do ano de 2015:

Rafaela Cristina Souza dos Santos, 15 anos: segundo a família, a equipe de saúde teria forçado um parto natural sem verificar a pressão arterial da menina, que teve uma convulsão por eclâmpsia. Só então Rafaela foi levada para o centro cirúrgico para uma cesariana, quando teve o útero perfurado. Com hemorragia foi transferida para o Hospital de Acari, onde morreu. [1]

Eduardo de Jesus, de 10 anos: foi baleado durante uma operação do Comando de Operações Especiais (COE) – que reúne as tropas de elite da PM – no Complexo de Favelas do Alemão, onde morreu. [2]

Cristian Andrade, 13 anos: foi baleado durante uma ação da Coordenadoria de Recursos Especiais da Polícia Civil e da Delegacia de Homicídio da Capital em Manguinhos, na Zona Norte do Rio, onde morreu. [3].

Para os pseudo-aliados que não fazem a ligação das relações que o Estado identifica nas favelas com os africanos em Diáspora, através da nossa cultura de vida, o inimigo faz e declara publicamente, como fez o ex-governador do Estado do Rio de Janeiro, Sergio Cabral Filho em entrevista publicada na página de notícias G1, afirmou que:

“(...) Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir

marginal.” (24.10.07) [4]

Diante de tal cenário, sem tréguas para descanso, o primeiro e o segundo estado com o maior contingente de pretos auto declarados do Brasil marcharam lado a lado contra a realidade imposta pela supremacia branca.

O quilombo do Complexo de Favelas do Alemão ocupou Salvador, altivo e a postos, construindo a Coluna de Autodefesa Comunitária Uhuru, pensada e composta por homens negros e mulheres negras.

E na boca das candaces Irone Santiago, Ana Paula Oliveira e Fatima Silva ecoou a lista infinita das vítimas assassinadas e torturadas em solo carioca, sem deixar de mencionar o momento de acalento no canto doce da mais velha da Associação de Mulheres de Ação e Reação e o acolhimento constante da dona Zilda, nosso mais alto comando.

Na batida corajosa do funk do Mano Teko, entoamos com todo o fôlego nossa constatação necessária: “Quilombo, Favela, Cadeia, Rua, vêm dizer: É NÓS POR NÓS!”.

Para fazer valer o “nós por nós” e para que seja além do “nós para nós”, seguimos em marcha celebrando a vontade de viver do jovem sobrevivente de 29 anos, Vitor Santiago, alvejado por dois tiros de fuzil calibre 762, aos 11 de fevereiro de 2015, pela Força Nacional, Exército Brasileiro, na comunidade da Maré. [5]

Seguimos em marcha permanente, perseguindo a dignidade do povo negro de maneira autônoma e com total disposição para arrombarmos todos os cadeados que nos imputarem.

### Notas

[1] Conferir reportagem disponível em [glo.bo/1VzXdZT](http://glo.bo/1VzXdZT)

[2] Noticiado em [glo.bo/22GdOA5](http://glo.bo/22GdOA5)

[3] Acompanhe as reportagens sobre a morte de Cristian em [glo.bo/1UpiCUg](http://glo.bo/1UpiCUg)

[4] Disponível em [glo.bo/11Lkvdy](http://glo.bo/11Lkvdy)

[5] Notícia divulgada em [glo.bo/10DKpvS](http://glo.bo/10DKpvS)

